

**AValiação DA PERcepção DA IMAGEM CORPORAL EM ADOLESCENTES
 DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CEARÁ**

Maria Rayane Matos de Sousa¹, Paula Alves Salmito Rodrigues²
 Ianara Pereira Rodrigues¹, Andreson Charles de Freitas Silva²

RESUMO

A imagem corporal pode ser considerada como a ilustração própria que o indivíduo faz de seu corpo, sendo constituída em nossos pensamentos e mente. Segundo Paul Shilder, trata-se não apenas de uma construção cognitiva, mas também é a expressão de desejos, emoções e relações com os demais, sendo assim, a estrutura corporal está em constante autoconstrução, diferenciação e inclusão. O objetivo foi avaliar a associação entre a percepção da imagem corporal e o estado nutricional de adolescentes de uma escola pública do município de Fortaleza-CE. A amostra foi constituída por 62 alunos (14-19 anos) do ensino médio. A percepção da imagem corporal foi autoavaliada pelo indivíduo através de figuras de silhuetas (questionário) e comparadas com a classificação do índice de massa corporal (IMC) por idade. Apesar da maioria dos adolescentes apresentar estado nutricional eutrófico, verificou-se uma elevada insatisfação com a imagem corporal, que foi maior nos meninos, onde 64,3% deles apresentaram desejo por aumentar o tamanho da silhueta corporal; enquanto 58,8% das meninas desejavam diminuir. Associando a percepção da imagem corporal com o IMC, observou-se que o estado nutricional foi superestimado essencialmente nas moças, enquanto os rapazes expressaram maior subestimação do peso corporal. Em ambos os sexos foram identificadas alterações da percepção corporal e alta prevalência de insatisfação corporal, sendo mais significativa nos rapazes. Modificações da percepção corporal potencializam o risco para transtornos alimentares. Ressalta-se a necessidade de se implementar no ambiente escolar ações que promovam mudanças nos conceitos de educação nutricional e imagem corporal.

Palavras-chave: Percepção Corporal. Imagem Corporal. Adolescentes. Insatisfação. Estado Nutricional.

1-Faculdade de Quixeramobim, Fortaleza, Ceará, Brasil.

ABSTRACT

Evaluation of body image perception in adolescents of a state public school in the municipality of Fortaleza-Ceará

Body image can be considered as the proper illustration that the individual makes of his body, being constituted in our thoughts and mind. According to Paul Shilder, this is not only a cognitive construct but also an expression of desires, emotions, and relationships with others, thus the body structure is in constant self-construction, differentiation, and inclusion. The goal was to evaluate the association between body image perception and the nutritional status of teenagers from a public school in Fortaleza-CE. The sample consisted of 62 students (14-19 years old) of high school. The perception of body image was self-assessed by the individual through silhouetted figures (questionnaire) and compared with the classification of body mass index (BMI) by age. Although the majority of adolescents presented a nutritional eutrophic state, there was a high dissatisfaction with body image, higher in boys, which 64.3% of them had a desire to increase the size of the body silhouette; while 58.8% of the girls wanted to decrease that. By associating body image perception with BMI, it was observed that nutritional status was mainly overestimated in girls, whereas boys expressed greater underestimation of body weight. In both genders, changes in body perception and high prevalence of body dissatisfaction were identified, being more significant in boys. Modifications of body perception potentiate the risk for eating disorders. The need to implement in the school environment, actions that promote changes in the concepts of nutritional education and body image.

Key words: Body Perception. Body image. Adolescents. Dissatisfaction. Nutritional status.

2-Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

INTRODUÇÃO

A imagem corporal pode ser considerada como a ilustração própria que o indivíduo faz de seu corpo, sendo constituída em nossos pensamentos e mente (Schilder, 1994).

Segundo (Shilder, 1994), trata-se não apenas de uma construção cognitiva, mas também é a expressão de desejos, emoções e relações com os demais, sendo assim, a estrutura corporal está em constante autoconstrução, diferenciação e inclusão.

A adolescência é conhecida como um período de intensas transformações, sendo considerada uma etapa onde o grupo correspondente se encontra mais vulnerável a distorções da percepção corporal, devido às alterações físicas, psicológicas e emocionais, na construção da autoimagem.

Durante essa fase existem muitas influências, incluindo as alterações da puberdade que moldam a forma do corpo, o peso e a aparência (Voelker, Reel e Greenleaf, 2015; Enes e Slater, 2010).

A incorporação das imposições para modelar-se conforme os ideais do corpo aceitos socialmente ajudam a explicar a relação entre imagem corporal e o peso.

O medo causado pelo o aumento de peso durante a adolescência contribui para insatisfação com corpo provocando o desejo de obter uma forma corporal específica e a adoção de hábitos alimentares inadequados para o emagrecimento (Freitas e colaboradores, 2009).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2015), desenvolvida com escolares de 13 a 17 anos entre os Municípios das Capitais e o Distrito Federal, revelou que na região Nordeste, cerca de 41% dos estudantes entrevistados desejam perder ou ganhar peso, sendo que uma parcela maior dos que desejam perder peso foi encontrada para adolescentes do sexo feminino.

Através dos dados atuais é possível identificar a propensão dos jovens para desenvolver algum tipo de distúrbio alimentar, nota-se a crescente prevalência do comportamento de risco para transtornos alimentares, resultante da insatisfação com o corpo principalmente nas meninas.

Entretanto, pesquisas revelam essa mesma preocupação nos meninos (SES, 2014; Damasceno, 2008).

Sabe-se que a prevalência da insatisfação com a imagem corporal vem sendo estimulada pelo sistema de modernização e da mídia, que contribuem para adesão de comportamentos comumente indevidos de atividade física e hábitos alimentares inadequados, que colaboram para o aumento do peso corporal e a ocorrência de maior insatisfação com a imagem corporal e distúrbios alimentares (Carvalho e colaboradores, 2012; Beling, 2012; Scherer e colaboradores, 2010).

Atualmente, a ideia de um padrão corporal relacionado à felicidade e sucesso vem influenciando as mulheres a terem um corpo magro, e os homens um corpo trabalhado e atlético (Alves e colaboradores, 2010; Borges e Fujimori, 2009).

Todo jovem idealiza um tipo corporal e quanto mais essa idealização se distanciar, maiores podem ser os conflitos, sejam emocionais e sociais, ou no âmbito de transtornos alimentares, pela adoção de práticas inadequadas para perda de peso (Alves e colaboradores, 2010; Borges e Fujimori, 2009; Martins e Petroski, 2015).

Nesse sentido, a escolha do estudo justifica-se pela incidência de distúrbios alimentares relacionados a distorção da percepção corporal e a insatisfação corporal encontrados durante a adolescência que podem acarretar danos à saúde e ao estado nutricional.

Tendo em vista todas as características que influenciam o comportamento alimentar do adolescente, essa pesquisa teve o objetivo de avaliar a percepção da imagem corporal em adolescentes de uma escola pública de Fortaleza-CE.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo de delineamento transversal. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Centro Universitário Estácio do Ceará, sob parecer nº 058297/2017, segundo a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

A amostra total do estudo foi composta por 62 alunos com idade entre 14 e 19 anos, que cursavam o ensino médio, constituído de três séries, de uma Escola Pública do município de Fortaleza-CE, o que totalizava um universo de aproximadamente 900 alunos.

A amostra foi obtida por conveniência, com todos os alunos que aceitaram participar do estudo e estavam presentes no momento da coleta de dados.

A escola onde foi realizado o estudo foi selecionada intencionalmente por ser um local de fácil adesão da proposta pela direção da instituição e educadores, caracterizando-se como uma área de encontro da respectiva faixa etária em questão. Os alunos foram convidados a participar da pesquisa em sala de aula por meio da assinatura de dois Termos: Termo de consentimento livre e esclarecido (assinado pelos pais ou responsáveis) e o Termo de assentimento livre e esclarecido (assinado pelo aluno).

Os dados sobre a percepção da imagem corporal foram obtidos por meio da escala com nove silhuetas corporais sugerida por Stunkard e colaboradores (1983).

O conjunto de silhuetas era mostrado aos adolescentes, os quais respondiam as seguintes perguntas: Qual é o número que melhor representa a sua aparência física atualmente (real)? Qual o número você gostaria de ter (ideal)?

Caso a variação entre a silhueta real e ideal fosse igual a zero, os adolescentes eram classificados como satisfeitos; e se diferente de zero, eram considerados insatisfeitos. Quando a diferença era positiva (imagem real, subtraída da imagem ideal), indicava uma insatisfação pelo desejo de reduzir a silhueta; e se essa diferença fosse um resultado negativo, apontaria uma insatisfação pelo desejo de aumentar a silhueta corporal.

Para avaliação do estado nutricional, os adolescentes foram direcionados à uma sala reservada, onde foram aferidos peso e altura. Na sequência foi realizado o cálculo do índice de massa corporal (IMC). Os adolescentes foram classificados segundo o índice IMC/Idade, de acordo com os parâmetros propostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), para identificar níveis de magreza, eutrofia, sobrepeso ou obesidade.

Depois do levantamento de dados sobre o estado nutricional, comparou-se a satisfação ou a insatisfação da percepção corporal dos jovens com a classificação do estado nutricional encontrado para verificar alterações da percepção da imagem corporal em relação ao diagnóstico nutricional desses adolescentes.

Nas comparações entre as variáveis foi realizada a análise estatística através do programa SPSS versão 24.0, utilizando-se do teste qui-quadrado para detectar prováveis diferenças de frequência entre as proporções. O nível de significância considerado foi 5% ($p < 0,05$) em todas as análises.

RESULTADOS

No total foram avaliados 62 jovens, destes 45,2% (28) eram do sexo masculino e 54,8% (34) do feminino, com média de idade de 16,5 ($\pm 1,2$) anos.

Por meio da avaliação antropométrica, conforme a classificação do parâmetro IMC/Idade (Tabela 1), foi visto que a distribuição de indivíduos eutróficos foi semelhante entre meninas 70,6% e meninos 75%.

Ao comparar a percepção da imagem corporal da silhueta e a classificação IMC/Idade (Tabela 2), verificou-se maior tendência de subestimação do estado nutricional pelos rapazes eutróficos (57,1%; $p = 0,048$) em relação ao grupo feminino (29,4%; $p = 0,002$).

Entretanto, verificou-se que no grupo das adolescentes em estado de eutrofia, um percentual de 32,4% ($p = 0,002$) superestimou seu estado nutricional com mais intensidade que os meninos 14,3% ($p = 0,048$).

A frequência de distorção da imagem corporal associada à avaliação do IMC/Idade entre os sexos se mostrou distinta ($p < 0,05$), observando que os meninos apresentam elevada percepção para magreza, em proporção semelhante a percepção de sobrepeso relatada pelas meninas.

Tabela 1 - Distribuição da avaliação nutricional antropométrica pelo IMC/ Idade, conforme o sexo dos adolescentes.

Classificação do Estado nutricional	Masculino (%) n=28	Feminino (%) n=34
Magreza	3,6% (1)	0,0% (0)
Eutrofia	75,0% (21)	70,6% (24)
Sobrepeso	10,7% (3)	17,6% (6)
Obesidade	10,7% (3)	11,8% (4)

Tabela 2 - Análise comparativa da percepção da imagem corporal com a avaliação antropométrica pelo IMC/ Idade.

Classificação do Estado nutricional	Percepção da Imagem Corporal							
	Masculino (%) n=28				Feminino (%) n=34			
	MAG	EU	SP	OB	MAG	EU	SP	OB
Magreza	3,6% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
Eutrofia	57,1% (16)	3,6% (1)	14,3% (4)	0,0% (0)	29,4% (10)	8,8% (3)	32,4% (11)	0,0% (0)
Sobrepeso	3,6% (1)	3,6% (1)	3,6% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,9% (1)	14,7% (5)	0,0% (0)
Obesidade	0,0% (0)	0,0% (0)	10,7% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	5,9% (2)	5,9% (2)

Legenda: MAG: Magreza; EU: Eutrófico; SP: Sobrepeso; OB: Obesidade. * Teste de qui- quadrado.

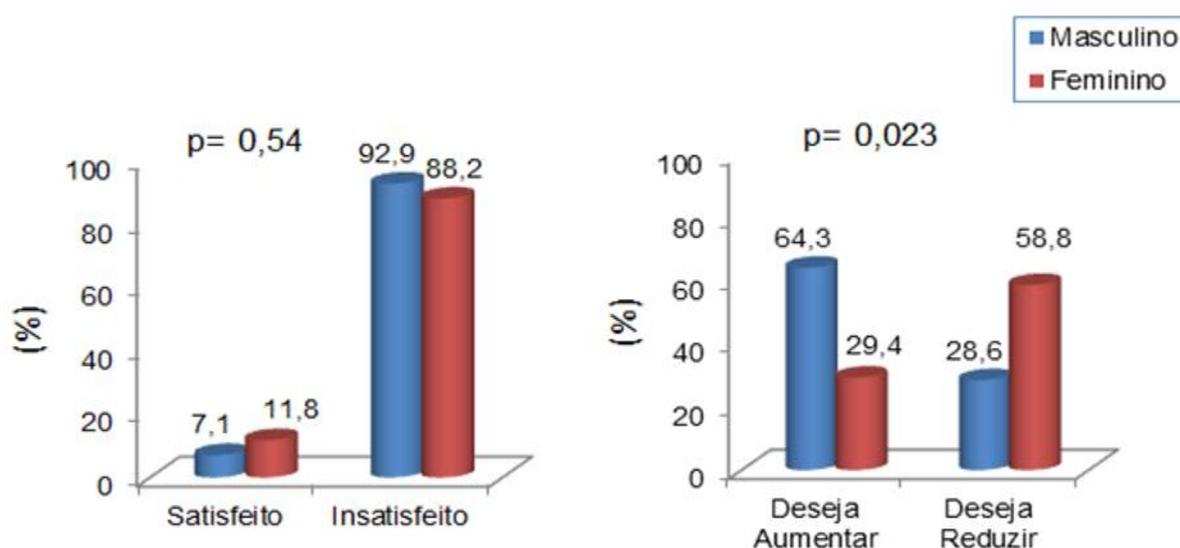


Figura 1 - Classificação dos Adolescentes conforme a Percepção da Imagem Corporal e o Sexo.

No grupo identificado com IMC de sobrepeso e obesidade encontrou-se maior proporção de jovens do gênero feminino acima do peso, que de fato se julgavam com sobrepeso e obesidade. Entretanto ao avaliarmos os adolescentes do sexo masculino com sobrepeso e obesidade, verificou-se que um maior número de rapazes subestimou seu peso corporal.

Na classificação para magreza, verificou-se que nenhuma das meninas avaliadas apresentou esse diagnóstico.

No entanto, constatou-se que nenhuma das adolescentes avaliadas referiram se sentir magra, mesmo estando eutróficas. Este fato diferiu para os meninos, onde em 3,6% foi diagnosticado magreza e a mesma percepção para essa classificação. Com relação ao estado de obesidade, nenhum dos rapazes que se encontravam nesse grupo declarou se sentir obeso, ao passo que as mulheres afirmaram esta sensação.

De acordo com a análise da percepção corporal dos adolescentes, verificou-se a prevalência de insatisfação com

a imagem corporal em 90,3% da amostra ($p=0,54$).

A figura 1 demonstra a classificação dos adolescentes conforme a percepção da imagem corporal. Ao todo, o grupo masculino (92,9%) apresentou maior insatisfação que o feminino (88,2%). A respeito do tamanho da silhueta corporal, foram verificadas diferenças entre os gêneros ($p < 0,05$), à medida que os rapazes desejavam aumentar (64,3%), as moças gostariam de reduzir (58,8%) a silhueta corporal.

DISCUSSÃO

Foi analisado prevalência de 90,3% para insatisfação com a imagem corporal nos adolescentes avaliados. Valor similar foi encontrado por (Petroski e colaboradores, 2009), em sua investigação com 641 adolescentes domiciliados nas áreas rural e urbana do município de Saudades-SC, detectou que 60,4% dos jovens estavam insatisfeitos com o corpo. Do mesmo modo, no estudo realizado por (Glaner e colaboradores,

2013), onde avaliou 637 adolescentes de ambos os sexos (11 a 17 anos), verificou que mais da metade dos jovens apresentavam insatisfação com a imagem corporal.

Altos níveis de insatisfação corporal são detectados atualmente devido ao descontentamento com o corpo e a preocupação excessiva com o ganho de peso proveniente do sedentarismo e das mudanças alimentares nas últimas décadas que, ao mesmo tempo que as mídias sociais elegem um padrão de beleza a ser seguido, geralmente com uma silhueta magra para as mulheres e um corpo forte e musculoso para os homens (Enes e Slater, 2010; Glaner e colaboradores, 2013; Freitas e colaboradores, 2009).

Apesar da transição nutricional instalada no país e que colabora para o aumento dos índices de sobrepeso e obesidade entre os adolescentes, foi apurado neste estudo que a maior parte dos jovens estavam em estado nutricional de eutrofia. Em uma pesquisa com adolescentes (10 a 19 anos) no interior de Minas Gerais, obteve-se resultado semelhante, constatou-se eutrofia em 80,4% dos homens e em 87,3% das mulheres (Pereira, Ramos e Rezende, 2012). Outra investigação realizada por (Branco e colaboradores, 2006), onde avaliou adolescentes (14 a 19 anos), estudantes de uma escola pública da cidade de São Paulo, verificou estado de eutrofia tanto nas meninas como nos meninos, em sua maioria.

Foi possível conferir maior insatisfação e alteração da percepção corporal nos rapazes. Resultado similar ao trabalho realizado com 405 estudantes escolares (14 a 17 anos), no qual revelou um maior nível de insatisfação corporal no sexo masculino (63,5%), quando comparado ao feminino (51,7%), (Fidelix e colaboradores, 2011).

Nos rapazes (60,7%) observou-se subestimação do estado de eutrofia e maior desejo por aumentar a silhueta em relação as moças (29,4%). Em contraste aos rapazes, verificou-se que as meninas possuíam o desejo por diminuir a silhueta (58,8%) e tendência para superestimar a eutrofia (32,4%).

Essa observação corrobora os achados de (Martins e colaboradores, 2012), ao analisar a insatisfação da imagem corporal por sexo em estudantes universitários, verificou-se maior proporção de insatisfação corporal entre os homens por se sentirem magros (43,8%) do que nas mulheres (15,5%),

e maior superestimação do peso pelo gênero feminino (62,4%).

Pesquisas evidenciam que o desejo das mulheres para ter uma estrutura corporal mais magra é originado por fatores culturais e pela pressão imposta pela indústria da magreza, o que as leva a buscarem um corpo cada vez mais magro e se sentirem mais gordas, enquanto os rapazes são impelidos por esse sistema para terem corpos mais fortes com o desenvolvimento muscular, gerando o descontentamento com o tamanho corporal e o desejo por aumentá-lo (Cubrelati e colaboradores, 2014; Bosi, Vale e Kerr, 2011).

Além disso, pôde-se notar que no geral, os homens estavam mais insatisfeitos, que as mulheres.

Da mesma forma, no trabalho de (Pelegri e colaboradores, 2011), foi apurado que grande parte dos homens avaliados estavam mais insatisfeitos com sua estrutura corporal.

Em contraposição, no trabalho de (Pereira e colaboradores, 2012), concluiu que as mulheres estão mais insatisfeitas com o corpo, em proporção quase duas vezes maior que os homens.

Esses dados revelam o contexto vivenciado em ambos os casos e, contribuem para interpretação de que tipo modelo corporal seguir.

Os meios de comunicação em massa, reforçado pela pressão da família e dos amigos, estão diretamente relacionados a insatisfação corporal (Aerts e colaboradores, 2011; Ribeiro e colaboradores, 2016).

Quanto mais o adolescente almeja um corpo diferente da sua realidade corporal, maiores serão os níveis de insatisfação e alteração da percepção corporal, o que poderá culminar para distúrbios alimentares e maior risco para desenvolvimento de transtornos alimentares.

Além disso, deve-se considerar que práticas alimentares inadequadas para perda de peso são mais prevalentes nas meninas ao buscarem a magreza.

Nos meninos, o desejo por um corpo mais forte os torna sujeitos a subestimar seu peso, esse conflito repercute na adoção de hábitos que poderão acarretar excessos alimentares e maior vulnerabilidade para sobrepeso ou obesidade (Pereira e colaboradores, 2012).

CONCLUSÃO

O elevado nível de alterações da percepção corporal nesta pesquisa, reflete o risco e a suscetibilidade que essa população apresenta para desenvolver transtornos alimentares, considerando que a insatisfação corporal foi maior nos meninos e que estes tendem a subestimar sua imagem corporal, o que não ocorreu nas meninas, onde na sua maioria houve percepção para superestimação de seu corpo.

Essas modificações da percepção podem ocasionar muitas vezes, a adoção de práticas inadequadas para mudança de peso, que geram danos à saúde e possível desenvolvimento de transtornos alimentares.

Analisando essa realidade, se faz necessário o desenvolvimento de ações no ambiente escolar que promovam mudanças nos conceitos de imagem corporal e educação nutricional, além disso seria essencial a realização de mais estudos para conhecer melhor o comportamento dos jovens, relacionando atitudes alimentares e a satisfação da aparência.

REFERÊNCIAS

- 1-Aerts, D.; Chinazzo, H.; Santos, J.A.; Oserow, N.R. Percepção da imagem corporal de adolescentes escolares brancas e não brancas de escolas públicas do Município de Gravataí, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Vol. 20. Num. 3. 2011. p. 363-372.
- 2-Alves, D.; Pinto, M.; Alves, S.; Mota, A.; Leirós, V. Cultura e imagem corporal. *Motricidade*. Vol. 5. Num. 1. 2009. p.1-20.
- 3-Beling, M.T.C. Imagem corporal e auto-estima em adolescentes do sexo feminino: considerações sobre um programa misto de intervenção. Tese de Doutorado. UFMG-MG. Minas Gerais. 2012.
- 4-Borges, A.L.V.; Fujimori, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. *Manole*. 2009. p.580
- 5-Bosi, M.L.M.; Vale, A.M.O.; Kerr, L.R.S. Comportamentos de risco para transtornos do comportamento alimentar entre adolescentes do sexo feminino de diferentes estratos sociais do Nordeste do Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*. Vol. 16. Num. 1. 2011. p. 121-132.
- 6-Branco, L.M.; Hilário, M.O.E.; Cintra, I.P. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. *Archives of Clinical Psychiatry*. Vol. 33. Num. 6. 2006. p. 292-296.
- 7-Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília. 2011.
- 8-Carvalho, D.S.; Menezes, A.M.B.; Bielemann, R.M.; Petresco, S.; Silva, I.C.M.; Linhares, R.S.; Amorim, T.C.; Duarte, D.V.; Araújo, C.L.P.; Santos, J.V. Body dissatisfaction among adolescents: a population-based study. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 17. Num. 9. 2012. p. 2499-2505.
- 9-Cubrelati, B.S.; Rigoni, P.A.G.; Vieira, L.F.; Belem, I.C. Relação entre distorção de imagem corporal e risco de desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes. *Conexões*. Vol. 12. Num. 1. 2014. p. 1-15.
- 10-Damasceno, V.O.; Vianna, V.R.A.; Vianna, J.M.; Lacio, M.; Lima, J.R.P.; Novaes, J.S. Imagem corporal e corpo ideal. *Revista brasileira de ciência e movimento*. Vol. 14. Num. 2. 2006. p. 87-96.
- 11-Enes, C.C.; Slater, B. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Vol. 13. Num. 1. 2010. p. 163-171.
- 12-Fidelix, Y.L.; Silva, D.A.S.; Pelegrini, A.; Silva, A.F.; Petroski, E.L. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de uma cidade de pequeno porte: associação com sexo, idade e zona de domicílio. *Revista brasileira cineantropometria e desempenho humano*. Vol. 13. Num. 3. 2011. p.202-207.
- 13-Freitas, A.R.; Novello, D.; Gastaldon, L.T.; Justino, P.F. Insatisfação da imagem corporal, práticas alimentares e de emagrecimento em adolescentes do sexo feminino. *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*. Vol. 24. Num. 3. 2009. p.166-173.

14-Glaner, M.F.; Pelegrini, A.; Cordoba, C.O.; Pozzobon, M.E. Associação entre insatisfação com a imagem corporal e indicadores antropométricos em adolescentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 27. Num. 1. 2013. p.129-136.

15-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2015. Rio de Janeiro. IBGE. 2015.

16-Martins, C.R.; Gordia, A.P.; Silva, D.A.S, Quadros, T.M.B.; Ferrari, E.P.; Teixeira, D.M.; Petroski, E.L. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em universitários. *Estudos de Psicologia*. Vol. 17. Num. 2. 2012. p.241-246.

17-Martins, C.R.; Petroski, E.L. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino de uma cidade de pequeno porte: prevalência e correlações. *Motricidade*. Vol. 11. Num. 2. 2015. p. 94-106.

18-Pelegrini, A.; Silva, D.A.S.; Silva, A.S.; Petroski, E.L. Insatisfação corporal associada a indicadores antropométricos em adolescentes de uma cidade com índice de desenvolvimento humano médio abaixo. *Revista brasileira de ciência do esporte*. Vol. 33. Num. 3. 2011. p. 687-698.

19-Pereira, J.A.R.; Ramos, G.R.V.; Rezende, E.G. Percepção corporal em adolescentes de baixa condição socioeconômica. *Revista médica de Minas Gerais*. Vol. 22. Num. 3. 2012. p. 301-307.

20-Petroski, E.L.; Pelegrini, A.; Glaner, M.F. Insatisfação corporal em adolescentes rurais e urbanos. *Motricidade*. Vol. 5. Num. 4. 2009. p.13-25.

21-Ribeiro, K.C.S.; Santos, M.S.; Silva, J.; Pichelli, A.A.W.S. A (In) Satisfação com o corpo e a vulnerabilidade aos transtornos alimentares em adolescentes. *Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade*. Vol. 9. Num. 2. 2016. p. 194-203.

22-Scherer, F.C.; Martins, C.R.; Pelegrini, A.; Matheus, S.C.; Petroski, E.L. Imagem corporal em adolescentes: Associação com a maturação sexual e sintomas de transtornos

alimentares. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 59. Num. 3. 2010. p.198-202.

23-Schilder, P. A imagem do corpo. As energias construtivas da psique. São Paulo. Martins Fontes. 1994.

24-Secretaria de Estado da Saúde (Org.). Distúrbio alimentar ameaça 77% das jovens de SP. São Paulo. 2014. acessado em 10/05/2017. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/ses/noticias/2014/janeiro/disturbio-alimentar-ameaca-77-das-jovens-de-sp>.

25-Stunkard, A.J.; Sorensen, T.; Schulsinger, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. *Research publications-Association for Research in Nervous and Mental Disease*. Vol. 60. 1983. p. 115-120.

26-Voelker, D.K.; Reel, J.J.; Greenleaf, C. Percepção da imagem corporal de status de peso e em adolescentes: perspectivas atuais. *Adolescent health, medicine and therapeutics*. Vol. 6. Num. 4. 2015. p.149-158.

E-mail dos autores:

andresonde@gmail.com
 rayanemattos16@gmail.com
 ianarapereira18@gmail.com
 paulaalves@gmail.com

Autor correspondente:

Andreson Charles de Freitas Silva.
 Rua: Melo de Oliveira, 1444.
 João XXIII, Fortaleza-CE, Brasil.
 CEP: 60520-498.

Recebido para publicação em 19/12/2019
 Aceito em 07/06/2020